

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993.

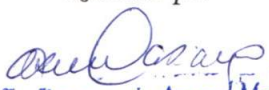
BORNHEIM, Gerd. **Os filósofos pré-socráticos**, São Paulo: Nova Cultural, 1993.

PLATÃO. **Diálogo de Fedon**. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores).

_____. **A República**. 2.ed. São Paulo: Difel, 2001.

_____. Fedro. São Paulo: Martin Claret, 2003.

Revisado por


Ana Romão do Amaral Marinho
Bibliotecária - FACER
CRB nº 1528

libertadora, que desvencilha para sempre a alma do corpo, o homem realiza a sua verdadeira natureza: a contemplação intuitiva do mundo ideal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Platão foi um dos filósofos mais influentes de todos os tempos. Seu pensamento domina a filosofia cristã antiga e medieval. Os ideais estéticos e humanistas do Renascimento constituíram também uma recuperação do platonismo. Há elementos platônicos também em pensadores modernos, como Leibniz e Hegel. Um dos pensadores mais importantes de todos os tempos. O platonismo concentra-se na distinção do mundo entre o que é visível, sensível (o mundo das coisas e dos seres), e o que é invisível, inteligível, ou seja, o mundo das idéias.

Platão, o conhecimento humano integral fica nitidamente dividido em dois graus: o conhecimento sensível, particular, mutável e relativo, e o conhecimento intelectual, universal, imutável, absoluto, que ilumina o primeiro conhecimento, mas que dele não se pode derivar. A diferença essencial entre o conhecimento sensível, a opinião verdadeira e o conhecimento intelectual, racional em geral, está nisto: o conhecimento sensível, embora verdadeiro, não sabe o que é, donde pode passar indiferentemente o conhecimento diverso, cair no erro sem o saber; ao passo que o segundo, além de ser um conhecimento verdadeiro, sabe o que é, não podendo de modo algum ser substituído por um conhecimento diverso, errôneo. Poder-se-ia também dizer que o primeiro sabe que as coisas estão assim, sem saber porque o estão, ao passo que o segundo sabe que as coisas devem estar necessariamente assim como estão, precisamente porque é ciência, isto é, conhecimento das coisas pelas causas.

Todas as idéias existem num mundo separado, o mundo dos inteligíveis, situado na esfera celeste. A certeza da sua existência funda-a Platão na necessidade de salvar o valor objetivo dos nossos conhecimentos e na importância de explicar os atributos do ente de Parmênides, sem, com ele, negar a existência do *fieri*. Tal a célebre teoria das idéias, alma de toda filosofia platônica, centro em torno do qual gravita todo o seu sistema.

Mas a alma está no corpo como num cárcere, o intelecto é impedido pelo sentido da visão das idéias, que devem ser trabalhosamente lembradas. E diga-se o mesmo da vontade a respeito das tendências. E, apenas mediante uma disciplina ascética do corpo, que o mortifica inteiramente, e mediante a morte

havia de tentar pôr em prática as minhas idéias sobre leis e constituições, era chegada a altura.

Contando com o apoio entusiástico de Díon, só lhe faltava convencer o novo ditador de Siracusa.

Dionísio II revelou-se ainda mais fraco do que Platão tinha receado. Não haviam ainda passado quatro meses de estada de Platão em Siracusa, e já os intriguistas da corte convenciam o jovem e inseguro tirano de que Díon conspirava para lhe arrebatá-lo o trono. Díon foi lançado ao mar numa pequena embarcação. Dionísio II receou ficar desacreditado se Platão fosse embora e prendeu-o na Acrópole de Siracusa. O jovem tirano, apesar de se ter afeiçoado a Platão, recusava-se a aprender as lições que dele podiam ter feito um bem-sucedido rei-filósofo. Ainda assim, a influência de Platão na corte veio ao de cima quando passou a estar na moda o estudo da geometria. Vencido pelas intrigas da corte e pela pusilanimidade de Dionísio II, Platão acabou por desistir dos seus intentos de educar o jovem soberano e obteve autorização para regressar a Atenas.

Mas não terminava aqui a sua aventura siciliana. Dionísio II manteve-se em contato com Platão. Nem depois de jovem tirano ter confiscado os bens de Díon e obrigado a mulher deste a um casamento dinástico Platão perdeu definitivamente as esperanças. Surpreendentemente, acedeu a mais um convite e em 361 a.C. regressou a Siracusa para ser conselheiro de Dionísio. Esta viagem não foi completamente infrutífera, na medida em que Platão elaborou mesmo um projeto de constituição para uma federação de cidades gregas no exterior. Um ano depois, quando viu a vida ameaçada pelos inimigos de Díon, Platão regressou a Atenas e não voltou a desempenhar qualquer papel na política siracusana. Díon continuou a tentar. Regressou a Siracusa na esperança de tomar o poder, mas foi assassinado por um dos seus oficiais. O melhor fruto de todas estas aventuras sicilianas de Platão foi talvez a sua vibrante carta autobiográfica.(...)

CAPÍTULO V

A NECESSIDADE DO MUNDO DAS IDÉIAS

A diferença essencial entre o conhecimento sensível, a opinião verdadeira e o conhecimento intelectual, racional em geral, está nisto: o conhecimento sensível, embora verdadeiro, não sabe o que é, donde pode passar indiferentemente o conhecimento diverso, cair no erro sem o saber; ao passo que o segundo, além de ser um conhecimento verdadeiro, sabe o que é, não podendo de modo algum ser substituído por um conhecimento diverso, errôneo. Poder-se-ia também dizer que o primeiro sabe que as coisas estão assim, sem saber porque o estão, ao passo que o segundo sabe que as coisas devem estar necessariamente assim como estão, precisamente porque é ciência, isto é, conhecimento das coisas pelas causas.

O pensamento de um deus nutre-se de inteligência e de ciência puras. O mesmo se dá com todas as almas que buscam nutrir-se do alimento que lhes convém. Quando a alma, depois da evolução pela qual passa, atinge o conhecimento das essências, esse conhecimento das verdades puras a mergulha na maior das felicidades. (PLATÃO, 1991, p. 97)

Quando, em 367 a.C., Dionísio I morreu, sucedeu-lhe o filho, Dionísio II. Este jovem, de débil carácter e pouca formação, não estava à altura do desafio colocado pelo expansionismo dos Cartagineses. O pupilo favorito de Platão, Díon, tio do jovem, passava agora a regente.

Achou essencial, escreve Platão (1991), que eu voltasse para Siracusa a todo o custo e a toda a pressa, para ser seu parceiro nos planos que tinha, lembrando como, no seu caso pessoal, o relacionamento comigo tinha produzido nele o anseio pela melhor e mais nobre vida. (PLATÃO, 1991, p. 99)

Mas o séquito de jovens de Díon alimentava as desconfianças de Platão (1991, p. 98), "porque os jovens são céleres a formular desejos que muitas vezes tomam direções que chocam umas com as outras". "Não fosse eu um dia surgir aos meus próprios olhos como única e simplesmente um mero homem de palavras", Platão decidiu desafiar o pântano de Siracusa. Se alguma vez alguém

mais é que uma sensibilidade regulamentada segundo a justiça; a coragem é a justiça da vontade e a sabedoria é a justiça do espírito.

A justiça política é uma harmonia semelhante à justiça do indivíduo, mas "escritas em caracteres mais fortes" na escala do Estado... A política de Platão distingue, à imagem de todas as sociedades indo-européias primitivas, três classes sociais: os artesãos dos quais a Justiça exige a temperança, os militares nos quais a Justiça será coragem, os chefes cuja Justiça é, antes de tudo, Sabedoria e que são filósofos longamente instruídos. Entre todas as formas de governo, Platão prefere a aristocracia e, nele, é preciso tomar a palavra em seu sentido etimológico: governo dos melhores.

Finalmente, podemos ligar à distinção dos dois mundos algumas observações sobre o mito platônico:

- a) O mito, procedimento pedagógico paradoxal, traduz uma espécie de narração poética legendária, isto é, numa linguagem de imagens uma verdade filosófica estranha ao mundo sensível! É o mundo das Idéias eternas transposto em imagens sensíveis, sugerido pelo mundo das imagens!
- b) O mito é o único meio de exposição para os problemas de origem (acontecimentos sem testemunhos) e dos fins últimos (que ainda não existem!), pois a inteligência abstrata só compreende o eterno e não pode bastar para evocar o que pertence à história.
- c) O mito indica que o pensamento filosófico vem se abeberar nas fontes das crenças religiosas tradicionais.
- d) Finalmente, o mito ressalta as relações que, segundo Platão (1991), existem entre a poesia e a verdade. A poesia mítica é uma mensagem metafísica, o belo não é senão o "esplendor do verdadeiro" e a arte está em segundo lugar em relação à filosofia.

propriedades geométricas quase sem ajuda. Platão pensa igualmente que a emoção amorosa, a emoção que rebata a alma diante da Beleza - de todas as idéias a mais fácil de reconhecer - é o meio de uma conversão dialética: o amor por um belo corpo, em seguida pelos belos corpos, depois pelas belas almas e pelas belas virtudes conduz à redescoberta do Belo em si.

Um dos maiores temores da humanidade, dentre todos os lados sombrios e desconhecidos, é sem dúvida a morte. E a pergunta que todos fazem para onde vamos? Por que morremos? A morte é uma passagem para onde? é um grande enigma. No livro O Enigma de Platão, busca responder a seguinte questão: O que acontece com os seres humanos depois da morte?

Na obra de Platão, o Fedon, faz o seguinte relato:

Nenhum poeta jamais cantou nem cantará a região que se situa acima dos céus. Vejamos, todavia, como ela é. Se devemos dizer sempre a verdade, quanto mais obrigados o seremos ao falarmos da própria verdade. A realidade sem forma, sem cor, impalpável só pode ser contemplada pela inteligência, que é o guia da alma. E é na idéia Eterna que reside a ciência perfeita, aquela que abarca toda a verdade. (PLATÃO, 1991, p. 57-126)

A morte é enigma que vem durante os séculos com diferentes definições para alguns é diminuir ou extinguir a vitalidade de alguma parte do corpo ou do próprio corpo em si.

A doutrina das Idéias também se correlaciona a esperança da imortalidade da alma, "esse belo risco a ser corrido". "Uma vez que a alma é feita para as Idéias - visto que sua união com o corpo é acidental e monstruosa - por que não seria eterna como as Idéias que ela tem por vocação contemplar?" (PLATÃO, 2003, p. 39)

Do mesmo modo, uma vez que as Idéias constituem absolutos referenciais - não o homem, mas Deus é que é a medida de todas as coisas, objeta Platão a Protágoras - é preciso renunciar do oportunismo e à imoralidade dos sofistas. Platão sustenta contra Cálicles (no Górgias), contra Trasímaco e Gláucon (PLATÃO, 1991) o valor absoluto da Idéia de justiça. A justiça é a hierarquia harmônica das três partes da alma - a sensibilidade, a vontade e o espírito. Ela também se encontra em cada uma das virtudes particulares: a temperança nada

unidade e permanência, procurou uma solução que conciliasse o testemunho dos sentidos e as exigências do conhecimento intelectual. Baseou-se nos conceitos matemáticos e nas noções éticas para demonstrar que a essência real e eterna das coisas existe. Usou como argumento a possibilidade de pensar figuras geométricas puras, que não existem no mundo físico. Da mesma forma, todo homem tem as noções de bem e justiça, por exemplo, que não têm correspondente no mundo sensível. Concluiu pela existência de um mundo de essências imutáveis e perfeitas, as idéias arquetípicas. Estas constituiriam a realidade inteligível -- objeto de conhecimento científico ou epistemológico --, cujas leis o mundo sensível -- objeto de opinião -- reproduziria de forma imperfeita. O homem, por ter corpo e alma, pertenceria simultaneamente a esses dois mundos.

Na hierarquia das idéias, situa-se no topo a idéia do bem, da qual participam as demais. Logo abaixo estão as idéias de beleza, verdade e simetria e, em plano inferior, os valores éticos e os conceitos matemáticos. Além disso, cada classe de ser existente no mundo sensível possui sua forma ideal: homem, cachorro, casa etc. A relação entre os diferentes seres que constituem uma classe e seu arquetipo, por exemplo, entre um homem e a idéia de homem, se explica pelo fato de serem os objetos sensíveis cópias ou imitações da idéia perfeita.

Os temas principais do platonismo podem ligar-se à distinção entre o mundo das Idéias eternas e o mundo das aparências mutáveis. A ascensão dialética, por exemplo, é o itinerário pelo qual nos levamos do mundo sensível ao mundo das Idéias: no mais baixo grau, as simples impressões sensíveis (*eikasia*), um pouco mais acima, as opiniões estabelecidas (*pistis*), em seguida, o pensamento discursivo (*dianoia*) que constrói o raciocínio partindo de figuras, como fazem os geômetras, e, finalmente, no mais alto grau, o pensamento intuitivo, a iluminação direta pela Idéia (*noesis*).

A teoria platônica da alma está ligada à doutrina das Idéias. As almas outrora contemplaram às Idéias à vontade. Depois, por punição de alguma falta, segundo a doutrina órfico-pitagórica, elas foram aprisionadas no corpo. Todavia, elas continuam capazes de reminiscência, uma vez que guardaram uma lembrança obscura - que, no entanto, pode ser redespertada - de seu antigo contato com as Idéias. Assim, o jovem escravo que Sócrates interroga no *Mênon* descobre

CAPÍTULO IV

TEORIAS DAS IDÉIAS E DAS FORMAS

A República é constituída por diálogos, forma literária que corresponde a uma exigência filosófica essencial, porque a verdade é o objeto de uma busca comum e racional. É alcançada graças a uma dialética, ou seja, a arte metódica de interrogar e de responder. O próprio pensamento, diz-nos Platão, é apenas um diálogo interior da alma consigo própria.

O diálogo institui entre os homens uma relação fundada sobre a razão, e não sobre a violência. O discurso racional tem as suas leis, comuns a todos, que são preferíveis à lei do mais forte. De qualquer forma, nem todos os discursos são iguais. Platão (2001), opõe o diálogo filosófico, fundado sobre a procura comum e sincera da verdade, ao discurso dos sofistas que, na Atenas democrática, só ensinavam a dominar a opinião, sem consideração pela verdade.

Assim, o objetivo último da especulação filosófica é de ordem prática, Platão diz que depois da contemplação do inteligível (do mundo das idéias), o filósofo deve descer, ou seja, não deve fugir do mundo sensível, mas em primeiro lugar comportar-se nele moralmente - como justo.

Isso só será possível se souber o que é a justiça em si. Ninguém é mau voluntariamente: no fundo, pensa Platão (2001) “a imoralidade corresponde à ignorância”. Apenas praticamos a injustiça porque estamos cegos pelas nossas pulsões sensíveis.

Platão é o primeiro filósofo a pensar que é preciso esclarecer o homem para o tornar melhor. Mas o destino prático da filosofia não é apenas moral, é também político. A justiça é o assunto do povo. Os filósofos são destinados a serem reis porque sabem o que é a essência da justiça, para Platão (2001), devem ser os magistrados da cidade justa.

Conhecimento e metafísica. Como primeiro passo para sua metafísica, Platão julgou indispensável elaborar uma teoria do conhecimento. O problema com o qual ele se defrontou foi o problema do ser. Uma vez que os sentidos nos revelam as coisas como múltiplas e mutáveis, ao passo que a inteligência nos revela sua

A influência de Platão através da história da filosofia foi enorme. O neoplatonismo foi um importante desenvolvimento posterior de suas idéias, que tiveram papel fundamental no desenvolvimento do cristianismo e no pensamento islâmico medieval. Durante o Renascimento, o primeiro centro de influência platônica foi a Academia Florentina, fundada no século XV, próximo a Florença. Sob a direção de Marsilio Ficino, os membros da Academia estudaram Platão em grego antigo. Na Inglaterra, o platonismo foi recuperado no século XVII, pela escola de Cambridge.

Sua filosofia também influenciou pensadores do século XX, como Whitehead (apud ARANHA, 1993).

Alguns teóricos tendem a interpretar o pensamento de Parmênides e de Platão como representantes do idealismo.

O idealismo é uma expressão do pensamento moderno, no momento em que a teoria do conhecimento se torna reflexão autônoma.

O eleatismo não é idealismo, mas realismo. Quando Parmênides (apud BORNHEIM, 1993), identifica ser e pensar, não se pode concluir que ele reduz o ser das coisas ao pensamento, pois em nenhum momento é negada a existência autônoma das coisas reais. Aliás, toda filosofia antiga é "ingênua" no sentido de aceitar o pressuposto de "as coisas são reais".

O que se deve levar em conta é que naquele momento a filosofia está no seu berço e Parmênides leva até as últimas conseqüências o poder recém-descoberto da razão de procurar entender o mistério do mundo.

CAPÍTULO III

A DIFERENÇA ENTRE CONHECIMENTO E OPINIÃO

O eixo de sua filosofia é sua teoria das formas ou das idéias. Sob esta perspectiva, devem ser entendidas sua idéia do conhecimento, sua teoria ética, sua psicologia e seu conceito de Estado. Platão, também, distingue entre dois níveis de saber: a opinião e o conhecimento. O ponto alto do saber é o conhecimento, porque concerne à razão, e não à experiência. A razão, utilizada de forma adequada, leva a idéias que são corretas, e os objetos dessas idéias racionais são os universais verdadeiros, as formas eternas ou substâncias que constituem o mundo real. Influenciado por Sócrates, estava persuadido de que se pode chegar ao conhecimento, teoria que expõe em *A República*, mais particularmente em sua discussão sobre a imagem da linha divisível e o mito da caverna.

imagina uma caverna onde estão acorrentados os homens desde a infância, de tal forma que, não podendo se voltar para a entrada, apenas enxergam o fundo da caverna. Se um desses homens conseguisse se soltar das correntes para contemplar à luz do dia os verdadeiros objetos, quando regressasse, relatando o que viu aos seus antigos companheiros, esses o tomariam por louco, não acreditando em suas palavras". (ARANHA, 1993, p. 95).

Nesta obra, sua maior obra política, trata da questão da justiça. O Estado ideal se compõe de três classes: os comerciantes, os militares e os reis-filósofos. Cada classe está associada a uma das virtudes tradicionais gregas: a temperança, o valor e a sabedoria. A justiça, que é a quarta virtude, caracteriza a sociedade como um todo. O sistema educacional ideal de Platão está estruturado visando a produzir filósofos-reis. Usou para a análise da alma humana um esquema semelhante: a racionalidade, a vontade e os apetites. Uma pessoa justa é aquela cujo elemento racional, com ajuda da vontade, controla os desejos.

Sua teoria ética repousa na suposição de que a virtude é conhecimento e que este pode ser aprendido. Esta doutrina também deve ser compreendida no âmbito de sua teoria das idéias.

alguma réplica surpreendente dos argumentos empregados em seu favor. A descoberta de que os mais recentes resultados foram antecipados por Aristóteles, por exemplo, ocorreu muitas vezes no decorrer da história da filosofia, e sempre de modo a levar ao reconhecimento de novos argumentos, novas dificuldades e novas objeções que envolvem a opinião adotada.

A filosofia sem se adquirir alguma competência filosófica independente conduz ao equívoco. Um enfoque puramente "histórico" deturpa tanto a filosofia de Descartes ou de Leibniz quanto as peças de Shakespeare ou a poesia de Dante. Compreender o pensamento desses filósofos é enfrentar os problemas aos quais se dedicaram, problemas que geralmente ainda constituem o objeto da pesquisa filosófica. Parece quase pré-condição para nos introduzirmos ao pensamento dos filósofos tradicionais que não consideremos "fechadas" as questões que eles discutiram, ou superados seus resultados. Na medida em que os consideremos como tal, desalojamo-nos de qualquer lugar central na história do assunto. Adotando-se tal concepção, logo se concluiria que dois filósofos podem chegar a resultados semelhantes, mas apresentá-los de modo tão diferente a ponto de merecerem o mesmo lugar na história da filosofia.

A história da filosofia deve considerar uma idéia em função dos argumentos que a sustentam, mas ocorre de desviar sua atenção, atentando para suas manifestações mais vulgares ou para suas origens em concepções que não encerram valor filosófico. Certamente, o historiador da filosofia tem o direito de estudar a ética kantiana e ignorar a obra de Lutero intitulada *Sujeição da Vontade*, * embora, do ponto de vista histórico, a primeira fosse impossível se a segunda não tivesse sido escrita. Reconhecer tais pormenores é reconhecer que, em matéria de história da filosofia, o melhor método pode discrepar da prática do historiador das idéias. Talvez seja necessário que o filósofo tire uma idéia do contexto em que foi concebida para reexpressá-la em linguagem direta e acessível, simplesmente com o intuito de avaliar sua verdade. Assim sendo a história da filosofia se torna uma disciplina filosófica, e não histórica.

- O conhecimento para Platão é inato, ou seja, já nascemos com conhecimento remanescente de outra vida.
- Para investigar e conhecer um objeto, precisamos ser capazes de identificar antes este objeto; porém, como identificá-lo se não sabemos o que é? A solução platônica consiste em supor que temos um conhecimento prévio que a alma traz consigo desde o seu nascimento e que resulta da contemplação das formas, as essências das coisas, as quais contemplou antes de encarnar no corpo material e mortal. Ao encarnar no corpo, entretanto, a alma tem a visão das formas obscurecida. O papel do filósofo é despertar esse conhecimento esquecido, fazendo assim com que o processo tenha início e o indivíduo possa aprender por si mesmo.
- A alegoria da caverna demonstra como os homens vivem e se acostumam com o que não é real, mas apenas sombra dele. O homem tem o hábito de viver na ilusão, naquilo que não é real por completo, mas ao mesmo tempo esse homem é dotado de curiosidade, que o impulsiona a sair desse comodismo e buscar algo além. Esse conflito entre a força do hábito e a força do comodismo gera o processo de mudança da realidade do homem, através da qual ele passa a ver lentamente a luz, ou seja a realidade. O papel daqueles que viram a luz, os filósofos, é o de motivar os outros que ainda vivem na escuridão a buscar também a realidade.

A filosofia parece ocupar algum lugar intermediário entre a ciência e a literatura. Por um lado, é possível, como o fez Wittgenstein, focalizá-la com um espírito completamente histórico, ignorando as realizações de filósofos anteriores e apresentando os problemas filosóficos sem ostentar uma relação autoconfessada com a tradição do assunto. Embora grande parte da filosofia contemporânea seja desse tipo histórico, geralmente não é pior por isso. Os filósofos têm sido bem-sucedidos ao isolar uma série de questões às quais se têm dirigido, cada vez mais preocupados com o que se tem pensado mais recentemente e com a intenção de aperfeiçoar tal pensamento. A imagem é produzida por "resultados estabelecidos" e por um movimento que, por ser progressivo, pode chegar a ser histórico. Porém, com um pouco de habilidade, geralmente se pode descobrir, dissimuladas nos escritos de algum filósofo histórico, não só a mais recente opinião aceita como

A crítica de Platão a Aristóteles é direcionada à concepção de filosofia como método de análise, para Platão a filosofia é mais que isso. Um método necessita de critérios que certifiquem a validade das definições em relação ao que se procura definir. Para isso, Platão desenvolve a teoria das *idéias* ou das *formas*.

Através dessa teoria, Platão pretende estabelecer uma teoria da natureza essencial das coisas.

Para Platão (1991), a filosofia é essencialmente teoria, isto é, a capacidade de ver, através de um processo de abstração e de superação de nossa experiência concreta, a verdadeira natureza das coisas em seu sentido eterno e imutável, portanto de conhecer a verdade.

Na obra a República, Sócrates relata "que os mais ilustres filósofos são realmente inúteis à sociedade. Mas faze-lhes ver a razão de tal inutilidade não se deve atribuir a eles, filósofos, senão aos que não se dignam empregá-los". (PLATÃO, 2001, p. 230)

À medida que a tarefa filosófica passa a se definir como teórica, a reflexão filosófica afasta-se progressivamente do mundo de nossa experiência imediata e concreta, passando a ser vista como contemplação e meditação.

Platão está voltado para a dimensão ética e política da existência humana, ele tem um interesse prático na formulação de suas teorias.

Toda ação humana envolve uma escolha feita pelo indivíduo.

Toda escolha envolve alternativas, e através de um processo de *decisão* chega-se a uma opção.

Uma ação é justificada quando baseada na razão que nos permite criar princípios universais que orientam nossa ação. É justificada toda ação que se aplica a todos os indivíduos em circunstâncias equivalentes, baseada na razão e não no interesse individual circunstancial.

- Só podemos refletir sobre nossa prática e avaliá-la passando para outra esfera, se distanciando dessa prática. Imersos na prática, não somos capazes de julgá-la de modo claro e eficaz.

Para Platão (1991), a principal tarefa da filosofia é determinar como se pode avaliar as pretensões ao conhecimento, servindo como legislador para tudo aquilo que pode ser chamado de conhecimento, onde conhecimento seria uma representação correta do real.

A filosofia corresponderia a um método para se atingir o ideal em todas as áreas pela superação do senso comum, estabelecendo o que deve ser aceito por todos. Isso significa a universalidade da razão.

A prática filosófica envolve assim, o abandono do mundo sensível e a busca do mundo das idéias, partindo do próprio mundo sensível submetido a um exame crítico.

Platão não supõe a existência de uma autoridade divina através da qual seria possível a recepção de uma revelação, mas induz o próprio indivíduo a uma reflexão e busca da verdade.

O discurso filosófico preocupa-se com sua própria legitimação, sua justificação, por isso é considerado crítico e reflexivo. A filosofia não pretende afirmar nada, mas chegar à verdade através da razão.

O método do diálogo pretende mostrar ao indivíduo as fragilidades do senso comum.

A dialética é uma forma de abstração que busca a formulação de conceitos através da discussão, da crítica e da necessidade de questionamento sobre o próprio conceito.

Ao aceitar as regras do diálogo, os interlocutores abandonam progressivamente a opinião. Instaura-se entre eles uma nova relação, não mais baseada em interesses, desejos e inclinações particulares que dão origem a antagonismos. Trata-se agora da busca da universalidade, e o discurso que tem pretensão de ser universal, capaz de superar as divergências de opinião e ter um caráter legislador, legitimador, é a filosofia.

Para Platão (1991), aquilo que é verdadeiro garante a universalidade e a legitimidade de todo conhecimento, e essa verdade é encontrada em outra realidade não na realidade sensível, mutável e material.

CAPÍTULO II

O QUE É FILOSOFIA

Em Sócrates, assim em Platão (1991), a filosofia tem um fim prático, moral; é a grande ciência que resolve o problema da vida. Este fim prático realiza-se, no entanto, intelectualmente, através da especulação, do conhecimento da ciência. Mas - diversamente de Sócrates, que limitava a pesquisa filosófica, conceptual, ao campo antropológico e moral - Platão estende tal indagação ao campo metafísico e cosmológico, isto é, a toda realidade.

No carácter íntimo, humano, religioso da filosofia, em Platão é tornado especialmente vivo, angustioso, pela viva sensibilidade do filósofo em face do universal vir-a-ser, nascer e perecer de todas as coisas; em face do mal, da desordem que se manifesta em especial no homem, onde o corpo é inimigo do espírito, o sentido se opõe ao intelecto, a paixão contrasta com a razão. Assim, considera Platão o espírito humano peregrino neste mundo e prisioneiro na caverna do corpo. Deve, pois, transpor este mundo e libertar-se do corpo para realizar o seu fim, isto é, chegar à contemplação do inteligível, para o qual é atraído por um amor nostálgico, pelo erro platônico.

Platão como Sócrates, parte do conhecimento empírico, sensível, da opinião do vulgo e dos sofistas, para chegar ao conhecimento intelectual, conceptual, universal e imutável. A gnosiologia platônica, porém, tem o carácter científico, filosófico, que falta a gnosiologia socrática, ainda que as conclusões sejam, mais ou menos, idênticas. O conhecimento sensível deve ser superado por um outro conhecimento, o conhecimento conceptual, portanto no conhecimento humano, como efetivamente, apresentam-se elementos que não se podem explicar mediante a sensação. O conhecimento sensível, particular, mutável e relativo, não pode explicar o conhecimento intelectual, que tem por sua característica a universalidade, a imutabilidade, o absoluto (do conceito); e ainda menos pode o conhecimento sensível explicar o dever ser, os valores de beleza, verdade e bondade, que estão efetivamente presentes no espírito humano, e distinguem - se diametralmente de seus opostos, fealdade, erro e mal - posição e distinção que o sentido não pode operar por si mesmo.

governa; pois em tudo ela é o princípio do cruel nascimento e da união, enviando o feminino a unir-se com o masculino, como, ao contrário, o masculino com o feminino. Em primeiro lugar criou (a divindade do nascimento ou do amor), entre todos os deuses, a Eros (. . .).

fieri. Tal a célebre teoria das idéias, alma de toda filosofia platônica, centro em torno do qual gravita todo o seu sistema.

O sistema metafísico de Platão centraliza-se e culmina no mundo divino das idéias; e estas contrapõe-se a matéria obscura e incriada. Entre as idéias e a matéria estão o Demiurgo e as almas, através de que desce das idéias à matéria aquilo de racionalidade que nesta matéria aparece.

O divino platônico é representado pelo mundo das idéias e especialmente pela idéia do Bem, que está no vértice. A existência desse mundo ideal seria provada pela necessidade de estabelecer uma base ontológica, um objeto adequado ao conhecimento conceptual. Esse conhecimento, aliás, se impõe ao lado e acima do conhecimento sensível, para poder explicar verdadeiramente o conhecimento humano na sua efetiva realidade. E, em geral, o mundo ideal é provado pela necessidade de justificar os valores, deve ser, de que este nosso mundo imperfeito participa e a que aspira.

Visto serem as idéias conceitos personalizados, transferidos da ordem lógica à ontológica, terão conseqüentemente as características dos próprios conceitos: transcenderão a experiência, serão universais, imutáveis. Além disso, as idéias terão aquela mesma ordem lógica dos conceitos, que se obtém mediante a divisão e a classificação, isto é, são ordenadas em sistema hierárquico, estando no vértice a idéia do Bem, que é papel da dialética (lógica real, ontológica) esclarecer. Como a multiplicidade dos indivíduos é unificada nas idéias respectivas, assim a multiplicidade das idéias é unificada na idéia do Bem. Logo, a idéia do Bem, no sistema platônico, é a realidade suprema, donde dependem todas as demais idéias, e todos os valores (éticos, lógicos e estéticos) que se manifestam no mundo sensível; é o ser sem o qual não se explica o vir-a-ser. Portanto, deveria representar o verdadeiro Deus platônico. No entanto, para ser verdadeiramente tal, falta-lhe a personalidade e a atividade criadora. Desta personalidade e atividade criadora - ou, melhor, ordenadora - é, pelo contrário, dotado o Demiurgo o qual, embora superior à matéria, é inferior às idéias, de cujo modelo se serve para ordenar a matéria e transformar o caos em cosmos.

Segundo Parmênides (apud BORNHEIM, 1993, p. 69)

Os (anéis) mais estreitos estão cheios de fogo sem mistura; os (seguintes) estão cheios da noite, mas entre ambos está projetada a parte de fogo; no centro destes (anéis) está a divindade que tudo

exasperando a doutrina da maieutica socrática, diz que os conceitos são a priori, inatos no espírito humano, donde têm de ser oportunamente tirados, e sustenta que as sensações correspondentes aos conceitos não lhes constituem a origem, e sim a ocasião para fazê-los reviver, lembrar conforme a lei da associação.

Platão (1991), diversamente de Sócrates, dá ao conhecimento racional, conceptual, científico, uma base real, um objeto próprio: as idéias eternas e universais, que são os conceitos, ou alguns conceitos da mente, personalizados. Do mesmo modo, dá ao conhecimento empírico, sensível, à opinião verdadeira, uma base e um fundamento real, um objeto próprio: as coisas particulares e mutáveis, como as concebiam Heráclito e os sofistas. Deste mundo material e contingente, portanto, não há ciência, devido a sua natureza inferior, mas apenas é possível, no máximo, um conhecimento sensível verdadeiro - opinião verdadeira - que é precisamente o conhecimento adequado a sua natureza inferior. Pode haver conhecimento apenas do mundo imaterial e racional das idéias pela sua natureza superior. Este mundo ideal, racional - no dizer de Platão - transcende inteiramente o mundo empírico, material, em que vivemos.

Sócrates mostrara no conceito o verdadeiro objeto da ciência. Platão aprofunda-lhe a teoria e procura determinar a relação entre o conceito e a realidade fazendo deste problema o ponto de partida da sua filosofia. (ARANHA, 1993).

A ciência é objetiva; ao conhecimento certo deve corresponder a realidade. Ora, de um lado, os nossos conceitos são universais, necessários, imutáveis e eternos (Sócrates), do outro, tudo no mundo é individual, contingente e transitório (Heráclito). Deve, logo existir, além do fenomenal, um outro mundo de realidades, objetivamente dotadas dos mesmos atributos dos conceitos subjetivos que as representam. Estas realidades chamam-se Idéias. As idéias não são, pois, no sentido platônico, representações intelectuais, formas abstratas do pensamento, são realidades objetivas, modelos e arquétipos eternos de que as coisas visíveis são cópias imperfeitas e fugazes. Assim, a idéia de homem é o homem abstrato perfeito e universal de que os indivíduos humanos são imitações transitórias e defeituosas.

Todas as idéias existem num mundo separado, o mundo dos inteligíveis, situado na esfera celeste. A certeza da sua existência funda-a Platão na necessidade de salvar o valor objetivo dos nossos conhecimentos e na importância de explicar os atributos do ente de Parmênides, sem, com ele, negar a existência do

Quinto. estrato - o Eon Sabedoria - A função da Sabedoria (Sophia) é a criação do universo, é a "mãe do universo". Sabedoria é "a que olhou para baixo". Esta descida da Sabedoria é concebida como "inocente".

Há dois motivos para a queda da Sabedoria: primeiro, produz uma obra sem o consentimento do Pai e, segundo, o faz separada de seu consorte. O resultado desta ação é um trabalho imperfeito, o Arconte demiúrgico ou uma sombra que, através da matéria, produz o Arconte demiúrgico. Em função desta obra, a Sabedoria é denominada material (gr. Hylíkós).

A Sabedoria busca a luz que não pode alcançá-la por causa do impedimento do Limite. Por não poder ultrapassá-lo, por continuar misturada à sua paixão e, ao permanecer abandonada fora do Pleroma, a Sabedoria cai em todo tipo de paixões, multiformes e variadas. Destas paixões (também divinas), nasce a primeira matéria, primordial e inteligível, não sensível, tem origem o Demiurgo. As demais coisas nasceram de seu temor e de sua tristeza. Das lágrimas da Sabedoria vieram as substâncias úmidas; de seu riso, a sabedoria luminosa; de sua tristeza e de seu estupor, os elementos corporais do mundo.

Segundo Platão (1991), o conhecimento humano integral fica nitidamente dividido em dois graus: o conhecimento sensível, particular, mutável e relativo, e o conhecimento intelectual, universal, imutável, absoluto, que ilumina o primeiro conhecimento, mas que dele não se pode derivar. A diferença essencial entre o conhecimento sensível, a opinião verdadeira e o conhecimento intelectual, racional em geral, está nisto: o conhecimento sensível, embora verdadeiro, não sabe o que é, donde pode passar indiferentemente o conhecimento diverso, cair no erro sem o saber; ao passo que o segundo, além de ser um conhecimento verdadeiro, sabe o que é, não podendo de modo algum ser substituído por um conhecimento diverso e errôneo. Poder-se-ia também dizer que o primeiro sabe que as coisas estão assim, sem saber o porquê, ao passo que o segundo sabe que as coisas devem estar necessariamente assim como estão, precisamente porque é ciência, isto é, conhecimento das coisas pelas causas.

Sócrates estava convencido, como também Platão, de que o saber intelectual transcende, no seu valor, o saber sensível, mas julgava, todavia, poder construir indutivamente o conceito da sensação, da opinião; Platão, ao contrário, não admite que da sensação - particular, mutável, relativa - se possa de algum modo tirar o conceito universal, imutável, absoluto. E, desenvolvendo, exagerando,

a centelha divina, que se encontra nos homens espirituais. O terceiro Princípio corresponde ao Espírito Santo. Em seu desdobramento inferior é o Princípio Divino no tempo, a Alma do Mundo, a Natureza e o Criado.

Os gnósticos afirmavam que os judeus conheceram o terceiro Princípio em seu produto inferior, que é o Demiurgo e apenas através da revelação da Bíblia hebréia. Afirmavam também que os cristãos normais não vão além do segundo Princípio, somente os gnósticos, os espirituais, chegariam ao primeiro Princípio.

Para os seguidores do esquema diádico, a metafísica dos princípios é: o "Deus Supremo" é um Intelecto que é bom, o equivalente ao segundo Princípio dos sistemas triádicos acrescido do Bem. O "Segundo Deus" ou princípio do Cosmos, equivale ao terceiro Princípio dos sistemas triádicos ou Alma da Mundo. Este "Segundo Deus" se desdobra em dois subprincípios um inteligível e outro sensível.

A ramificação triádica da tradição platônica pertencem os neopitagóricos, os valentinianos, os basilidianos e Plotino. Ao ramo diádico pertencem Filón, Numenio, Albino e Poimandres e, entre os gnósticos: os sethianos e Justino Gnóstico. Os teólogos da ortodoxia cristã antes do Concílio de Nicéia são teologicamente trinitários, porém filosoficamente diádicos. Pode-se reconhecer, também, nas diversas escolas ou correntes influências de outras tradições filosóficas, em particular do estoicismo.

Para os sethianos, os Princípios (Intelecto/Alma do Mundo) não são concebidos como substâncias. Há uma multiplicidade de graus ou estratos de emanção descendente da divindade:

Primeiro estrato - Formado pelo Uno.

Segundo estrato - Os Eons Superiores Femininos - O sujeito deste estrato recebe o nome de Barbeló. Barbeló se "ergue" diante do Espírito Transcendente e é definido como sua Imagem e seu Pensamento. Ela recebe os nomes de Inteligência, Providência, Incorruptível, Vida Eterna e Verdade. Barbeló vai desempenhar a função de Princípio dos estratos inferiores e Princípio do Universo.

Terceiro estrato - Os Eons Superiores Masculinos - O sujeito deste estrato recebe o nome de Unigênito e Filho. Os Eons do segundo e terceiro estratos formam o Pleroma Superior que virá a ter o momento de queda ou "deficiência".

Quarto estrato - Os Eons do Pleroma Inferior - estes Eons foram engendrados pelo Deus , o Cristo.

CAPÍTULO I

A ORIGEM DAS IDÉIAS PLATÔNICAS

Para Platão (1991), porém, os primeiros Princípios, o mundo das idéias, têm a função de objeto do conhecimento. Valem para explicar a realidade física tanto da esfera superior como do mundo. Mais tarde, os sucessores de Platão, baseando-se no Uno, como princípio transcendente, alteraram estas bases do platonismo antigo. Os princípios que eram, para Platão, objetos ou meios de conhecimento passaram a ser considerados uma entidade real, dignos de veneração, que poderiam produzir outros seres por meio de geração ou de emanação. O Uno passou a ser objeto real que poderia produzir outros seres através da emanação ou geração.

Os dois momentos, a passagem de objeto a sujeito e a possibilidade da geração/emanação, ocorrem em todas as vertentes do platonismo e leva a profundas divergências. Alguns grupos gnósticos prescindem do Uno e consideram dois princípios: o Intelecto e a Alma divinos, o que significa uma concepção diádica. Outros grupos mantêm a existência do Uno, porém afirmam que o Uno gera o Intelecto e a Alma como entidades independentes. Os Princípios, primeiros formariam, sob este ponto de vista, uma tríade, Uno, Intelecto e Alma (ou, segundo a ritualística gnóstica, Espírito, Mente e Razão). E ambos os sistemas consideram uma divisão da Alma em duas subentidades: uma Alma superior e uma Alma inferior ou Alma do mundo.

Os que consideram os três Princípios (Uno, Intelecto, Alma do Mundo) insistem que o Primeiro, o Uno, é o Sumo Transcendente, além do ser e do inteligível. Defendem um processo de descida dos Princípios superiores aos inferiores através da emanação ou geração. O segundo Princípio é o Intelecto e contém em si todos os inteligíveis. O terceiro é a Alma/Espírito, que pode ser concebido como dois subprincípios, uma Alma Inteligível e uma Alma do Mundo.

Este sistema triádico aproxima os gnósticos cristãos à Trindade do Novo Testamento. O Deus Supremo, primeiro Princípio, corresponde ao Deus Pai. O segundo Princípio, o Intelecto, corresponde ao Filho, é o Logos, que se faz homem em Jesus e em todos aqueles que encarnam o Cristo Cósmico. Desse Filho procede

quase como prisioneiro. Dionísio só permitiu que Platão retornasse a Atenas porque estava empenhado numa guerra.

Em 361 a.C. Platão voltou pela terceira vez à Sicília. Em seu regresso a Atenas, lá encontrou Dion, que se havia refugiado nessa cidade. Dion o convenceu a aceitar novo e insistente convite, Dionísio, na esperança de que essa forma, também ele seria recebido em Siracusa.

Dionísio desejava novamente a presença de Platão na corte com a única finalidade de completar sua própria preparação filosófica. Foi, porém, um grave erro acreditar na mudança de sentimento de Dionísio. Platão teria até mesmo arriscado perder a própria vida, não fossem a proteção de Arguita e dos amigos da cidade de Taranto.

Em 360 a.C. Platão retornou a Atenas, deixando a política, passando dedicar ao ensino e suas obras filosóficas. Platão escreveu vários textos filosóficos, morreu aos 80 anos, deixando a sua academia para seu sobrinho EUPEUSIPO.

Esta monografia será desenvolvida da seguinte maneira: no primeiro capítulo a origem das idéias platônicas; no segundo capítulo o que é um Filósofo?; no terceiro capítulo a diferença entre conhecimento e opinião; no quarto capítulo teorias das idéias e das formas; no quinto capítulo a necessidade do mundo das idéias.

Assim, Platão convenceu-se de que para ele naquele momento, era bom manter-se afastado da política militante.

Após o ano de 399 a.C., Platão esteve em Mégara com alguns outros discípulos de Sócrates, hospedando-se na casa de Euclides (provavelmente para evitar possíveis perseguições, que poderiam lhe advir pelo fato de ter participado do Círculo Socrático). Entretanto, não se deteve longamente em Mégara.

Em 388 a.C. aos quarenta anos Platão viajou para a Itália. Esteve também no Egito e em Cirene como se conta tais viagens. Devem ter-se dado antes de 388 a.C.. No entanto, a autobiografia da Carta VII nada fala sobre elas. O desejo de conhecer as comunidades dos Pitágoras (e, fato, conheceu Arquita, como sabemos através da Carta VII) foi que o levou a empreender a viagem. Até a Itália durante essa viagem. Platão foi convidado pelo tirano Dionísio I a ir até Siracusa, na Sicília. Certamente, Platão esperava poder inculcar no tirano o ideal do rei - filósofo, ideal esse já substancialmente proposto no *Górgias*, obra que precede a viagem. Em Siracusa, Platão logo se indispsôs com o tirano e sua corte (precisamente por sustentar os princípios expressos no *Górgias*). Todavia, estabeleceu forte vínculo de amizade com Dion. Parente do tirano, na qual Platão acreditou encontrar um discípulo capaz de se tornar rei - filósofo, Dionísio irritou-se de tal forma com Platão que determinou que fosse ele vendido como escravo a um embaixador espartano na cidade de Egina (narrando os fatos de forma mais simples, forçado a desembarcar em Egina, que se encontrava em guerra com Atenas, talvez Platão tenha sido mantido como escravo).

Felizmente, porém, foi resgatado por Anicérides de Cirene, que se encontrava naquela cidade.

Retornando a Atenas, Platão fundou a Academia em um ginásio, situado ao parque, dedicado aos heróis acadêmicos, de onde derivou o nome.

O *Menon* foi provavelmente o primeiro diálogo de Platão a divulgar a nova escola. Logo a academia adquiriu grande prestígio a ela ocorrendo numerosos jovens e até mesmo homens ilustres.

Em 367 a.C. Platão voltou à Sicília: Dionísio I falecera tendo-lhe sucedido o filho II, que segundo afiançava Dion, poderia calcular bem mais que o pai para realização dos desígnios de Platão. Dionísio II, entretanto, revelou as mesmas tendências do pai Dion, acusando-o de tramar contra o trono, e manteve Platão

INTRODUÇÃO

O objetivo desta monografia é estudar o mundo das idéias no pensamento filosófico de Platão.

Platão nasceu em Atenas, em 428/427 a.C. Seu verdadeiro nome era Aristócles. Platão é apelido que derivou como referem alguns de seu vigor físico ou, como contam outros, da amplitude de seu estilo ou ainda da extensão da sua testa (em grego, platos significa preciosamente “amplitude”, “largueza”, “extensão”). Seu pai contava orgulhosamente. Com o rei Codros entre seus antepassados, ao passo que sua mãe se orgulhava do parentesco. Com Solam.

Assim é natural que, desde a juventude, Platão já visse na vida política o seu próprio ideal: nascimento, inteligência, aptidões pessoais, tudo o leva para direção.

Esse é dado biográfico absolutamente essencial, que incidiria profundamente na substância mesma de seu pensamento.

Aristóteles nos relata que Platão foi inicialmente discípulo de Crátilo seguidor de Heráclito.

Posteriormente, foi discípulo de Sócrates. O encontro de Platão com Sócrates se deu provavelmente quando Platão tinha aproximadamente vinte anos. E certo, porém que Platão freqüentou o círculo de Sócrates com o mesmo objetivo da maior parte dos outros jovens, ou seja, não para fazer da filosofia a finalidade de sua própria vida, mas para melhor se preparar, pela filosofia, para vida política. Entretanto, os acontecimentos orientariam a vida de Platão em outra direção.

Platão travou seu primeiro contato direto com a vida política em 404/403 a.C. quando a aristocracia assumiu o poder e dois parentes seus, Cármides e Critias, tiveram importante participação no governo oligárquico. Foi certamente uma experiência amarga e frustrante para ele, em consequência dos métodos facciosos e violentos que constatou serem aplicados exatamente por aqueles nos quais depositava confiança.

Entretanto, seu disposto com os métodos da política praticada em Atenas deve ter alcançado o máximo de sua expressão com a condenação de Sócrates à morte. Os responsáveis por essa condenação foram os democratas (que haviam retornado o poder).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	08
CAPÍTULO I - A ORIGEM DAS IDÉIAS PLATÔNICAS -----	11
CAPÍTULO II - O QUE É FILOSOFIA -----	17
CAPÍTULO III - A DIFERENÇA ENTRE CONHECIMENTO E OPINIÃO -----	22
CAPÍTULO IV - TEORIAS DAS IDÉIAS E DAS FORMAS -----	24
CAPÍTULO V - A NECESSIDADE DO MUNDO DAS IDEIAS -----	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	32

O divino platônico é representado pelo mundo das idéias e especialmente pela idéia do Bem, que está no vértice. A existência desse mundo ideal seria provada pela necessidade de estabelecer uma base ontológica, um objeto adequado ao conhecimento conceptual. Esse conhecimento, aliás, se impõe ao lado e acima do conhecimento sensível, para poder explicar verdadeiramente o conhecimento humano na sua efetiva realidade. E, em geral, o mundo ideal é provado pela necessidade de justificar os valores, e dever ser, de que este nosso mundo imperfeito participa e a que aspira.

Conhecimento e metafísica. Como primeiro passo para sua metafísica, Platão julgou indispensável elaborar uma teoria do conhecimento. O problema com o qual ele se defrontou foi o problema do ser. Uma vez que os sentidos nos revelam as coisas como múltiplas e mutáveis, ao passo que a inteligência nos revela sua unidade e permanência, procurou uma solução que conciliasse o testemunho dos sentidos e as exigências do conhecimento intelectual. Baseou-se nos conceitos matemáticos e nas noções éticas para demonstrar que a essência real e eterna das coisas existe. Usou como argumento a possibilidade de pensar figuras geométricas puras, que não existem no mundo físico. Da mesma forma, todo homem tem as noções de bem e justiça, por exemplo, que não têm correspondente no mundo sensível. Concluiu pela existência de um mundo de essências imutáveis e perfeitas, as idéias arquetípicas. Estas constituiriam a realidade inteligível -- objeto de conhecimento científico ou epistemológico --, cujas leis o mundo sensível -- objeto de opinião -- reproduziria de forma imperfeita. O homem, por ter corpo e alma, pertenceria simultaneamente a esses dois mundos.

Na hierarquia das idéias, situa-se no topo a idéia do bem, da qual participam as demais. Logo abaixo estão as idéias de beleza, verdade e simetria e, em plano inferior, os valores éticos e os conceitos matemáticos. Além disso, cada classe de ser existente no mundo sensível possui sua forma ideal: homem, cachorro, casa etc. A relação entre os diferentes seres que constituem uma classe e seu arquetipo, por exemplo, entre um homem e a idéia de homem, se explica pelo fato de serem os objetos sensíveis cópias ou imitações da idéia perfeita.

Palavras-chave: alma, corpo, mundo.

RESUMO

Platão preocupou-se com o conhecimento das verdades essenciais que determinam a realidade e, a partir disso, estabeleceu os princípios éticos que devem nortear o mundo social. Seu pensamento foi absorvido pelo cristianismo primitivo e, junto com seu mestre Sócrates e o discípulo Aristóteles, lançou os alicerces sobre os quais se assentaria as bases de toda a filosofia ocidental.

A consciência religiosa tem oferecido um conjunto de convicções que orientam o comportamento humano diante do mistério da morte: que seja pelos rituais de passagem dos primitivos quer seja religiões mais elaboradas, pelos preceitos do viver terreno para garantir melhor destino à alma. Por isso, a angústia da morte tem levado à crença na imortalidade e na aceitação do sobrenatural, do sagrado, do divino.

Platão a filosofia tem um fim prático, moral; é a grande ciência que resolve o problema da vida. Este fim prático realiza-se, no entanto, intelectualmente, através da especulação, do conhecimento da ciência. Mas - diversamente de Sócrates, que limitava a pesquisa filosófica, conceptual, ao campo antropológico e moral - Platão estende tal indagação ao campo metafísico e cosmológico, isto é, a toda a realidade.

Este caráter íntimo, humano, religioso da filosofia, em Platão é tornado especialmente vivo, angustioso, pela viva sensibilidade do filósofo em face do universal vir-a-ser, nascer e perecer de todas as coisas; em face do mal, da desordem que se manifesta em especial no homem, onde o corpo é inimigo do espírito, o sentido se opõe ao intelecto, a paixão contrasta com a razão. Assim, considera Platão o espírito humano peregrino neste mundo e prisioneiro na caverna do corpo. Deve, pois, transpor este mundo e libertar-se do corpo para realizar o seu fim, isto é, chegar à contemplação do inteligível, para o qual é atraído por um amor nostálgico, pelo eros platônico.

O sistema metafísico de Platão centraliza-se e culmina no mundo divino das idéias; e estas contrapõe-se à matéria obscura e incriada. Entre as idéias e a matéria estão o Demiurgo e as almas, através de que desce das idéias à matéria aquilo de racionalidade que nesta matéria aparece.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a minha existência movida pela minha fé e razão que sem as quais não seria nada neste mundo.

Sendo não poderia esquecer também aos meus pais que me deu esta oportunidade de ter-me concedido a vida.

E todos aqueles que me ajudaram para a conclusão deste curso principalmente ao Dom José Carlos de Oliveira, Irmã Maria Amélia, Carlos e Silézia, Marly Nolasco e Ademir Nolasco. E a todos aqueles professores que passou pela minha vida de aluno a até neste momento.

E os pactos sem a espada não passam de palavras, sem força para dar qualquer segurança a ninguém. Portanto, apesar das leis de natureza (que cada um respeita quando tem vontade de respeitá-las e quando pode fazê-lo com segurança), se não for instituído um poder suficientemente grande para nossa segurança, cada um confiará, e poderá legitimamente confiar, apenas em sua própria força e capacidade, como proteção contra todos os outros. (Hobbes).

Monografia apresentada no dia 22 de junho de 2006.

Parte da exigência do curso de Filosofia.

José João Neves Barbosa Vicente.

Orientador

Rubiataba – GO

2006

MAURO MARCOS VELOSO

O MUNDO DAS IDÉIAS EM PLATÃO

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia

Orientação: Prof. Ms. José João Neves
Barbosa Vicente.

Rubiataba – GO

2006

Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba



MAURO MARCOS VELOSO

O MUNDO DAS IDÉIAS EM PLATÃO

30670
SAOU

Tombo n	12596
Classif.:	1(38)
Ex: 1.	MAURO
Origem:	d
Data:	29-01-07

Fil. antsa

Rubiataba – GO

2006